

CAPITULO XIII

AS CONSTRUCÇÕES INVENTIVAS

O mundo subjectivo e o mundo objectivo. A actividade mythica da criança: os mythos do brinquedo, das historias e do sonho. Os estadios da imaginação infantil: as percepções illusorias, o animismo, o brinquedo e a invenção romanesca. A idade das historias maravilhosas: a phase das fadas e a phase das aventuras. A mentira das crianças. O testemunho infantil. A suggestibilidade. A suggestão do interrogatorio. Referencias bibliographicas. Resumo. Vocabulario.

O mundo subjectivo e o mundo objectivo.

A mentalidade da criança é impregnada de tal modo de adherencias subjectivas que as realidades exteriores soffrem uma deformação constante a serviço das disposições de cada momento. O mundo exterior parece-lhe sempre um mundo de brinquedo. Não existem fronteiras bem delimitadas entre o mundo subjectivo e o mundo objectivo. A mentalidade infantil, desde o momento da indifferenciação e confusão até o estabelecimento do formalismo logico, tem sido admiravelmente interpretada por Jean Piaget. Para este psychologo "a construcção do mundo objectivo e do raciocinio rigoroso consiste em uma redução progressiva do egocentrismo ao pensamento em proveito de uma socialização. O estado inicial é caracterizado pelo facto de seu *eu* ser confundido com o proprio mundo; a visão das coisas é falseada pelas adherencias subjectivas e a compreensão alheia é falseada pelo exclusivismo do ponto de vista proprio" (1).

Que o mundo objectivo se representa de maneira particular á criança, á maneira do primitivo, é facto de observação diaria; mas a desproporção com que se apresenta esse mesmo mundo a ella é phenomeno conhecido apenas em seus aspectos parciaes (2). Dupré, occupando-se de certa modalidade da imaginação infantil, attribue a tendência deformadora das realidades não só ao facto de não poder a criança facilmente distinguir o que realmente aconteceu, o que pode pessoalmente observar, o que se tem contado, o que tem lido ou mesmo sonhado, como tambem aos effeitos da incoordenação chronologica que persiste muito tempo, o que faz a criança misturar os acontecimentos muitas vezes de uma maneira estranha.

Traço que caracteriza a mentalidade da criança é o phenomeno de *ampliação* da realidade. Existindo nas representações do mundo objectivo, penetra todo o seu pensamento e domina toda a sua conducta. As concepções, as reacções affectivas e os movimentos estão impregnados dessa tendencia geral que denominamos a ampliação. Para a criança, as grandezas, as distancias, as quantidades, o espaço e o tempo são até certo momento de uma extensão fóra dos limites reaes. Mas não são somente as representações do mundo exterior que soffrem essa ampliação. Aos julgamentos infantís faltam igualmente precisão e medida. O soldado sóbe no conceito da criança á categoria de uma entidade superior. O mesmo poder-se-á dizer do chauffeur. Em certa phase o pae resume para a criança todas as qualidades idealizaveis — synthetiza a força, o saber, a virtude e a bravura. A criança interpreta os factos por uma analogia desproporcionada. A avaliação do tempo acha-se igualmente sujeita a essa ampliação. O dia de hontem está para ella perdido num passado distante e o dia de amanhã parece-lhe tão vago como o fim de um anno. O tempo é um continuo sem dimensão, á falta de pontos de referencias. “Nenhuma época da vida — observa Spranger — apresenta-se ás vivencias subjectivas tão larga como os 12 ou 13 annos” (3). O mesmo acontece com a sua conducta: os movimentos, os desenhos e os brinquedos são reacções de um impulso que não conhece medida. Fazer e desfazer para depois refazer indefinidamente é a norma dominante do comportamento infantil. Se pensa ou planeja, a criança deixa-se levar pelo grandioso e o inacessivel. Como que transpõe para a realidade toda a magnitude e desproporção do sonho. Talvez essa tendencia geral da mentalidade seja uma consequencia do que Freud denomina o principio do prazer em antithese ao principio de realidade. É na verdade o principio do prazer que domina a actividade da criança, o prazer que exige satisfacção immediata e que se prolonga — prazer que deforma e amplia todas as coisas para que perdure e augmente a intensidade desse mesmo prazer (4).

A actividade mythica da criança: os mythos do brinquedo, das historias e do sonho.

Em face da realidade a criança tem uma attitude identica á do primitivo. O mundo objectivo é povoado de sêres e cousas que teem para ella um certo valor symbolico — são verdadeiras personalizações mythicas originadas da sua incompreensão e do seu espirito phantasista. O mytho é para Baudouin uma das criações mais antigas, mais diffundidas e mais tenazes da imaginação humana (5). Existindo entre mentalidade infantil e a do primitivo tantos pontos de semelhança, não foge a criança no seu desenvolvimento a essas concepções rudimentares que constituem a fonte commum de todo o pensamento universal. No brinquedo, nas historias maravilhosas e nos sonhos encontramos todo um conjuncto de mythos impregnados de um syncretismo que vale a pena interpretar-se para o esclarecimento da mentalidade infantil.

A criança constroe no brinquedo um mundo á parte onde as construcções mythicas teem logar dominante. Não é facil o accesso a esse labyrintho em que somente ella se conduz com desembaraço e satisfação plena. Por isso custa tanto sacrificio e desgosto toda acção fóra da sua actividade ludica: os recados, as ordens durante os brinquedos são sempre um motivo de protesto e desprazer. Ouvir ou ler historias maravilhosas permitem igualmente a continuação dessa actividade mythica do brinquedo. A criança adapta-se inteiramente a esse outro mundo de ficções que é o mundo em que se desenrolam as historias maravilhosas — de fadas, de encantamentos e varinhas de condão. É que nellas encontra a criança aquelles mesmos mythos — residuos do que ha de mais primitivo na tradição popular que são as formas mais constantes de suas construcções mentaes (6). A compensação que a criança busca nos brinquedos ou nos sonhos, encontra-se igualmente nas historias maravilhosas. Para Karl Abraham “o sonho e o mytho são submettidos ás mesmas leis de condensação, de deslocamento, de disfarce e de elaboração secundaria” (7). Num e noutro ha a mesma satisfação de desejos elementares — satisfação

que é igualmente possível nos contos populares. Nos brinquedos, nas historias maravilhosas e nos sonhos os complexos affectivos mais profundos surgem com as vestimentas mais imprevistas. Somente por meio de uma analyse minuciosa é que é possível surpreender-se atravez dos processos habituaes de deslocamento, de disfarce, etc., as raizes profundas do nucelo central da personalidade.

“Não é sem razão — affirma Ch. Baudouin — que os personagens desses contos populares, tão do agrado dos humildes, são reis e principes, e que as aventuras de amor se encontram permanentemente nelles e que emfim o pae terrivel ou a má mãe são tratados nelles com tão pouca amenidade” (8). Nessas construcções phantasistas encontra a mentalidade rudimentar um verdadeiro derivativo para os seus anceios e aspirações. Para a criança representam esse mythos aquella forma de affirmação e de libertação que a vida cerceia com toda sorte de restricções e exigencias.

Os motivos centraes das historias maravilhosas e os dos mythos primitivos são, segundo Riklen identicos, apesar de apparecerem nos primeiros sob a forma magica. Os bruxêdos, os sortilegios, os duendes, as fadas, etc. são expressões mythicas associadas aos mesmos complexos primitivos. Emquanto, porém, os mythos permanecem como satisfação de instinctos elementares, as historias adquirem uma sentimentalidade e um fundo moral que segundo Ricken e Otto Rank constituem a distincção entre uns e outros. Na realidade encontramos nas historias uma intenção que corresponde perfeitamente a uma necessidade de minoração dos males e das injustiças longamente experimentadas pela humanidade. Não raro realçam essas historias uma defesa do bem e um combate ao mal — espirito de moralidade que por ser precario na realidade se acastella na ficção.

A verdade que paira acima das theorias é que ha um lastro primitivo nas differentes manifestações da conducta humana, quer essa conducta seja social, moral ou artistica. Que existe na tradição oral das massas populares expressões muito abaixo do nivel de cultura geral e em contradicção mesmo

com essa cultura, é um facto que se evidencia com uma analyse superficial. As historias, as lendas, o folk-lore não fogem á regra universal. Doutra maneira não se explicaria a preferencia das classes incultas e das crianças por essas formas de cultura primitiva. Ha uma afinidade verdadeiramente logica entre a mentalidade rudimentar e os seus meios habituaes de expressão.

As historias maravilhosas representam para a criança o mesmo que sua vida. Nenhuma solução de continuidade existe entre ellas: ouvir historias e brincar produzem a mesma satisfação daquellas necessidades fundamentaes do individuo — o desejo de superar a propria inferioridade e o afan de dominio. Fóra do estado de vigilia a criança continúa no sonho a sua permanente actividade mythica. Entre o sonho e a ficção não ha para a criança distincção sensivel. Representam ambos a *sua realidade*. Não é outro o sentido — affirma Claparède — que a linguagem corrente attribue ao sonho e ao desejo longamente acalentado. A psychanalyse considera o sonho como uma actividade mythica de maxima importancia symbolica. Por meio do sonho o individuo dá expansão aos impulsos reconditos do inconsciente. É o sonho uma especie de succedaneo de uma realidade desejada. Claparède e Maeder vêem no sonho uma função de post-exercicio e de pre-exercicio de actividades geraes, á semelhança do que os autores vêem no brinquedo. Os sonhos e os mythos que a criança concebe communmente são tão aproximados que com facilidade ella os confunde: o que foi simplesmente sonhado participa do mesmo character de realidade que ha nos seus mythos habituaes.

Os estadios da imaginação infantil.

Ribot estudando a imaginação creadora na criança evita fixar o momento em que apparecem as suas primeiras manifestações, uma vez que a invenção surge pouco a pouco da simples reproducção. As construcções inventivas acham-se sob a dependencia de actividades outras sem as quaes não podem subsistir. Na sequencia das etapas estabelecidas por Baldwin para o desenvolvimento mental, isto é, phase affectiva

(aparecimento de processos sensoriaes e motrizes elementares), phase objectiva (aparecimento dos sentidos especiaes, da memoria, da imitação e dos instinctos defensivos), ainda phase objectiva (manifestação de funcções mais complexas, dos instinctos offensivos e da vontade), e por fim phase subjectiva (manifestação das actividades superiores), Ribot faz situar a invenção na terceira phase (9). Sem attender a uma ordem chronologica perfeita distingue este psychologo quatro estadios principaes no processo evolutivo da imaginação creadora: 1.º estadio das percepções illusorias; 2.º estadio de animismo; 3.º estadio do jogo; e 4.º estadio da invenção romanesca.

No primeiro estadio a criança se acha em transição entre a simples imaginação reproductora e a creadora. Não existe neste momento uma capacidade propriamente inventiva. A criança não se desprende dos elemertos sensitivos mas com elles consegue construir o que se denominam *illusões*. Na simples percepção o elemento sensorial prepondera sobre o elemento representativo; na illusão o elemento representativo passa a dominar. A criança suppõe ver no que percebe, não a realidade exacta, mas aquella que imagina. Innumerous factos de percepção illusoria podemos observar durante os primeiros annos: objectos de uso domestico são considerados como brinquedos varios — automoveis, aviões, cavallos, bonecas, etc. conforme a disposição affectiva do momento. A criança tem necessidade de excitações exteriores para exercitar a sua invenção ainda pobre de conteúdo.

Os estadios de animismo e de jogo são geralmente simultaneos. Neste momento a invenção offerece aspectos que caracterizam bem a conducta da criança no periodo do brinquedo. Consiste este animismo em attribuir vida e até personalidade a todos os sêres, mesmo os inanimados, á semelhança do primitivo. Para Ribot esta tendencia decorre de varios factores: em primeiro logar a pobreza de imagens na criança; em seguida o character de objectividade emprestado por ella ás construcções imaginarias; e por fim a crença nos attributos de realidade das suas invenções (10). A attitude da criança em

face dos seus cavallos de pau, das suas bonecas *de mentira*, dos seus animaes feitos de barro tem uma cabal explicação tendo-se na devida conta essa tendencia animica que domina toda a mentalidade primitiva, tendencia aliás negada por alguns psychologos.

Jean Piaget estabelece tres estadios no animismo infantil, quanto á tendencia em attribuir consciencia ás cousas. A principio a criança empresta essa consciencia ás cousas logo que ellas tenham um grau qualquer de actividade: as pedras que se deslocam ou se quebram, sentem como a propria criança; depois são conscientes todas as cousas que permanentemente se acham em movimento: o sol, a lua, o vento, os vehiculos, o rio, etc.; mais tarde só são conscientes os corpos dotados de movimento proprio: o vento e o sol teem uma consciencia, visto como a criança attribue a elles mesmos o seu poder de mover-se; e por fim a consciencia no ultimo estadio é attribuida apenas aos animaes (11).

Innumeros são os casos de invenção animica na conducta da criança: conservar as bonecas na janella para que ellas possam apreciar a rua; pôr as peças de um brinquedo para dormir; dar bolachinhas ao carro que foi puxado durante muito tempo; conversar com os animaes e mesmo com objectos de uso domestico, são exemplos de animismo que se podem observar constantemente.

Sully cita casos interessantes dessa forma de inventar: uma criança de tres annos exclama, depois de ter traçado um L: *elle está assentado*; de outra occasião traçando duas vezes um F da seguinte maneira F J, exclamou logo: *estão conversando*.

No brinquedo é que esse espirito inventivo se consolida. O curioso dessas construcções é o seu character pessoal: só aquillo que ella propria realiza a satisfaz plenamente. Os brinquedos que outras pessôas tentam fazer á sua vista nunca a interessam como aquelles que ella mesma constróe. E' commum vermos crianças desfazerem castellos com que os paes procuram entretê-las para por si armarem montes disformes.

O ultimo estadio é o da invenção romanesca. Esta forma de invenção requer um certo desenvolvimento dos processos

mentaes e por isso só aos tres annos é que ella se manifesta. As narrações de acontecimentos anteriormente occorridos participam dessa forma de invenção. Frequentemente a criança diz mais de invenção propria do que mesmo daquillo que viu. Em regra os acontecimentos são meros pretextos de uma elaboração ficticia na qual ella representa o papel mais saliente. Nessas narrações tão ao sabor das crianças ha uma permanente exhibição de força e de bravura que ultrapassa toda possibilidade de verosimilhança. Mas onde se revela com mais accento o espirito inventivo da criança é no seu gosto especial pelas historias maravilhosas. Affirma Ribot que “nisto ellas se parecem com os povos semi-civilizados que escutam avidamente suas rapsodias durante horas, experimentando todas as emoções correspondentes aos incidentes da narração” (12). De certo que o habito de ouvir historias estimula a criança a por sua vez criar. E’ commum transportar para os seus brinquedos ou para as suas narrações personagens ou situações das historias maravilhosas. As dramatizações em que tão frequentemente se exercitam, deixam transparecer essa influencia. Referindo-se á importancia da imaginação nesta phase, diz Ribot que ella age em dois sentidos: promove brinquedos, fabulações de um lado, e engendra uma explicação chimerica dos phenomenos, por outro (13).

A idade das historias maravilhosas.

Estudando o conteúdo psychologico das historias maravilhosas e sua correspondencia com a imaginação infantil, Bühler distingue duas idades — a idade das fadas e a idade de Robinson — para assignalar dois momentos na evolução do espirito critico da criança (14).

A principio as historias só despertam o interesse da criança quando ellas teem uma relação proxima com as suas proprias occupações ou actividades. São historias que se referem aos acontecimentos diarios, ás exigencias ou normas de vida. “O menino que foi castigado por ter desobedecido aos paes”, “a menina que sabia vestir-se sozinha” — são historias typicas que estimulam a formação de habitos uteis.

Mesmo nas historias em que outros personagens entram em scena é preciso que os contadores façam comparações opportunas que avivem a curiosidade infantil: “era uma vez um rei do tamanho de você...” Mais tarde as historias maravilhosas se desenrolam sem nenhuma relação com o ouvinte. A criança se acha então em condições de interessar-se pelas situações que giram em torno de personagens ficticios. A idade das historias de fadas domina todo o tempo em que a criança se deixa levar pela simples phantasia, sem nenhuma manifestação de espirito critico. Novo genero de historias em breve são preferidas pela criança — as que se desenrolam por uma sequencia logica e mais proxima da realidade. E’ a idade das historias de aventuras. A idade das historias de aventuras ou de Robinson, como denomina Bühler, caracteriza-se pela capacidade de estabelecer uma motivação logica entre as figuras e as situações. As aventuras vão se desdobrando segundo um plano de conjuncto em que cada parte engendra necessariamente as seguintes por uma relação de dependencia a que de certo não ha de faltar uma dose de verosimilhança.

A idade anterior, das historias de fadas, prima pela ausencia dessa capacidade critica — o que permite uma acceitação passiva de todos os imprevistos e absurdos, sem nenhuma subordinação ás leis naturaes. Entre as historias de fadas podemos enquadrar pela semelhança de seu conteúdo e pela sua technica, as historias de bichos. Durante certa época são essas historias que se acham em correspondencia com o espirito inventivo da criança. Os personagens, as situações, o ambiente são os mesmos de todas as historias de fadas, — tudo se passa em tempo indefinido no *reino das maravilhas*. Nenhuma verosimilhança existe nas historias de fadas, o que de certo se ajusta a uma necessidade de maravilhoso na criança desta idade. Por mais imprevistas que sejam as situações a criança as acceita em virtude de uma ausencia de juizo critico e observação pessoal. Na idade das historias de aventuras a posição que a criança toma é já muito differente, uma vez que ella é orientada por um espirito realista que não tolera successos á margem das leis naturaes e das verdades estabelecidas.

Analysando o conteúdo dos contos de Grimm, Bühler fixa os seus aspectos mais importantes. Como esses contos não fogem aos principios universaes que motivam a formação dos mythos primitivos, as observações de Bühler são applicaveis a todas as historias maravilhosas, sem distincção de origem e de forma. Mencionaremos, por isso, os aspectos relativos aos personagens, ao ambiente e ás situações — o que de certo porá em evidencia as particularidades da invenção infantil.

As figuras que agem nas historias maravilhosas não variam: são sempre principes, mendigos, feiticeiras, gigantes, peregrinos, madrastras, avós e netinhos. Esses personagens encarnam virtudes e defeitos que são exaltados até o impossivel, sempre em antithese; uns são physicos — a força e a debilidade, a belleza e a fealdade; outros são espirituaes — a bondade e a maldade, a obediencia e a desobediencia, a modestia e o orgulho, a applicação e a preguiça. A acção dos personagens toma um extraordinario relêvo graças á opposição e o conflicto dos attributos que encarnam. E' para considerar o facto de triumphar sempre a virtude sobre o vicio, apezar das peripecias e vicissitudes dos bons e dos justos. Certas figuras fabulosas são introduzidas frequentemente nas scenas: animaes que possuem attributos humanos, fadas bemfazejas que graças ás suas qualidades magicas teem nas mãos o destino das creaturas.

Os logares que são theatro das historias são vagamente definidos. Não ha necessidade de descrevê-los com exactidão uma vez que o reino das maravilhas é o mesmo em que vivem as crianças, reino onde tudo é possivel, desde a existencia das fadas até a parada do tempo. Saliencia Bühler que “apezar da intensidade com que se oppõem as esferas sociaes dos reis e dos pobres, a passagem de uma para outra é extraordinariamente facil para os personagens dos contos” (15).

Os acontecimentos que se desenrolam nas historias se acham mais ligados aos sentimentos personificados nos individuos do que á necessidade de seu encadeamento. Os encantamentos e os desencantamentos — todas as situações gravitam em torno das exigencias de sobreposição do bem ao mal. No

fim ha sempre uma distribuição de premios e de castigos que se concretizam para que tudo acabe a contento dos anseios dos ouvintes. A attitude de concentração com que a criança ouve as historias maravilhosas e acompanha todos os seus detalhes, mesmo os que não comprehende bem, faz suppor que ella chega a "viver em espirito as emoções dos heroes" 

A mentira das crianças.

Entre as formas de mythomania que E. Dupré attribue á criança mencionamos a mentira ou a "negação voluntaria e consciente da verdade" (16). Não é facil fixar em que momento a criança começa a controlar as suas narrações no sentido de uma maior exactidão e fidelidade e deixa então de mentir.

Não podemos dizer que até certa idade ha propriamente mentira. Alterar a verdade nem sempre é mentira. A mentira implica uma plena consciencia da inverdade e uma intenção de illudir. Até a segunda infancia não é crível que a mentira tenha esses caractéres. A verdadeira interpretação do falseamento dos factos na criança é dada por Dupré quando a relaciona com a aptidão mythica desta idade. "A criança não percebe o mundo exterior com essa nitidez, essa precisão e essa força que impõem á crença do adulto a certeza da realidade" (17). Ha uma especie de mentira constructiva que tem suas raizes na propria exuberancia inventiva da criança. As scenas dramaticas que ella imagina fazendo-se de principal personagem se acham enquadradas nessa categoria de mentiras constructivas. Ainda curioso phenomeno vem fortalecer a mentira infantil: dita pela primeira vez uma inverdade, esta tende a substituir a noção da verdade dahi por deante graças a um processo de auto-sugestão. Assim a mentira infantil se torna completamente despida de caracter intencional da mentira propriamente dita.

F. Gorphe distingue tres formas da mentira infantil: a mentira de defesa, a activa e a suggerida. A criança mente por defesa quando procura encobrir uma falta ou evitar um castigo; a mentira activa é inventada pela criança para

satisfazer toda sorte de tendencias — a preguiça, a vaidade, a vingança, a malícia ou apenas o prazer de mentir; a mentira suggerida é architectada por influencia de suggestões estranhas (18). A essas formas poderíamos accrescentar a mentira por auto-suggestão, segundo o mecanismo atraz referido.

E' preciso assignalar que a mentira na criança é em regra fortalecida e mesmo estimulada pelo ambiente familiar. O habito de castigar a criança toda vez que esta se desvia das normas estabelecidas é uma das causas mais decisivas da negação da verdade. O temor de novos castigos fará da mentira um meio razoavel de conservar-se a criança fóra das possibilidades de soffrimento. Outras vezes a criança aprende a mentir com os proprios paes — o que é mais frequente do que pode parecer. Não passam despercebidos á observação da criança os disfarces, as reservas e os artificios tão communs nos meios domesticos.

Inquerito realizado por Mlle. Dobre entre escolares mostra quaes os motivos da mentira infantil (19). Estes apresentam-se com as seguintes percentagens:

Temor	72,9%
Interesse	7,6%
Estouvamento	5,7%
Preguiça	3,8%
Gosto pela ficção	3,5%
Maldade	2,6%
Altruismo	2,5%
Outros motivos	1,4%

Sem attribuirmos um valor definitivo a essas respostas dadas pelas proprias crianças, é fóra de duvida que o temor de punições physicas é a causa mais frequente da mentira infantil. Da attitude dos paes em face dos chamados *mal-feitos* por certo dependerá a probidade das crianças, a partir de certa idade. T. Jonckheere tem a mesma opinião: "é o abuso de punições e a severidade excessiva que fazem que as crianças procurem na mentira o meio de evitar o soffrimento ou a dôr; o ponto de partida de sua attitude é uma especie de

movimento defensivo, exprimindo-se quase sempre sob a forma: *não fui eu!*" (20). Dizia com razão Rousseau que a mentira das crianças é obra dos educadores.

O testemunho infantil.

A faculdade de reproduzir com fidelidade e precisão a realidade anteriormente percebida é precaria na criança. Appellar para o testemunho infantil equivale a ter uma informação deformada pela phantasia, lacunosa e cheia de contradicções. Mais do que o adulto a criança está sujeita a erros de observação e falsos julgamentos. Varias são as causas que concorrem para o fraco poder testemunhal da criança. Até certa idade encontra-se a criança num estado mental de confusão muito semelhante ao do primitivo. Ella não distingue com nitidez o irreal e o real — ficção e realidade. São cousas consistentes que possuem o mesmo aspecto de verdade. Frequentemente a criança identifica os residuos de sua phantasia e de seus sonhos com o mundo objectivo. Este egocentrismo inicial se acha muito proximo daquella forma de pensamento que os psychanalystas denominam *pensamento symbolico* para caracterizar uma attitude mental impregnada de adherencias subjectivas. Por isso é que as percepções e os julgamentos infantís se distanciam da objectividade exterior. Verdade e erro não penetraram ainda como elementos de seu pensamento: a criança é inteiramente insensivel á contradicção. Basta-lhe uma disposição affectiva momentanea para fortalecer a crença numa realidade que apenas existe para ella.

As percepções infantís possuem um caracter syncretico mais accentuado do que as do adulto: o conjuncto, a forma geral das cousas constituem a base de suas construcções perceptivas. Dahi affirmar F. Gorphe que sendo global a percepção da criança, sua memoria é globalizante e seu raciocínio obedece igualmente ao mesmo mecanismo, intermediario entre a generalização logica e a condensação de imagens (21). Faltam, assim, á criança dados objectivos para os seus julga-

mentos: estes são moveis e superficiaes como a sua propria phantasia e os seus interesses.

Alem dessas condições de seu pensamento, ainda outra causa contribue para desvirtuar frequentemente a realidade: é a sua extraordinaria suggestibilidade. Binet, Varendonck e outros psychologos resaltam sempre essa disposição particular da criança para acceitar, adherir ao ponto de vista alheio. Umas vezes a suggestibilidade depende da maneira por que são formuladas as questões, outras vezes provem da autoridade da pessôa que interroga.

A precisão do testemunho tende a melhorar com a idade. Stern chega a conclusões precisas quanto á capacidade testemunhal: assim a extensão do testemunho augmenta naturalmente 50% entre 7 e 19 annos emquanto que a fidelidade ou a proporção dos dados exactos cresce apenas 20% (22). Heindl estabelece tres momentos successivos na evolução do testemunho infantil: esta evolução é representada a principio por uma curva ascendente, em seguida ha uma parada e por fim torna a ascender (23). Neste progresso do testemunho ha uma estreita relação com os estadios do desenvolvimento intellectual, estabelecidos por Stern, — substancia, acção e relação.

Ha uma differença sensivel entre o testemunho dos meninos e das meninas: segundo as experiencias de Stern, Ebbinghaus e Lobsien, a capacidade feminina é inferior á masculina, sobretudo aos 10 annos, em relação á extensão do saber e á fidelidade da memoria. As meninas possuem um espirito mais inclinado á phantasia e á emotividade, assim como a sua capacidade de deixar-se influenciar é tambem mais accentuada do que nos meninos.

As modalidades de testemunho dependem consideravelmente do coefficiente pessoal, isto é, da constituição particular de cada typo. A qualidade do testemunho tem uma correlação intima com as disposições que caracterizam individualmente as crianças.

1.º — O typo *concentrado* evita revelar o que conhece, dominado por uma necessidade de defesa: são os tímidos, os medrosos, os negadores e os mentirosos.

2.º — O typo *descriptivo* tende a entrar em particularidades com um certo sentido de observação, mas sem eliminar as illusões, visto como lhe falta ainda o poder de compreensão: são os faladores sem controle.

3.º — O typo *observador* revela uma atenção bem accentuada, sobretudo dirigida para os motivos centraes dos acontecimentos: são os racionadores ainda sem methodo, os logicos á sua maneira.

4.º — O typo *emocional* interessa-se sobretudo pelo aspecto affectivo dos factos e por isso despreza os elementos representativos: são os sentimentaes, os exaltados.

5.º — O typo *erudito* limita-se a reproduzir os seus conhecimentos sobre os factos occorridos, sem considerar propriamente esses factos: são os sabichões, os exhibicionistas.

6.º — O typo *inventivo* deixa-se levar pelo seu espirito imaginativo, entregando-se inteiramente ao livre curso da phantasia: são os fabulistas, os inventadores de historias.

Entre esses differentes typos os mais frequentes em certa phase do desenvolvimento da criança são o inventivo, o observador e o emocional.

As pesquisas realizadas por Mlle. Borst afim de determinar o grau de educabilidade e de fidelidade do testemunho levaram ás seguintes conclusões: a) um testemunho inteiramente fiel é excepcional: as lacunas da memoria e a tendencia para a dramatização prejudicam a exactidão dos factos; b) as respostas de disposição espontanea são falsas numa proporção de 1 para 10; c) os acontecimentos narrados são mais fieis do que os sujeitos a interrogatorio; d) não ha uma relação immediata entre a extensão e a qualidade do testemunho: os mais prolixos são communmente os mais infieis; e) a certeza subjectiva se acha em relação com o valor objectivo das respostas; f) o testemunho tende a melhorar com o exercicio (24).

Os autores consideram o testemunho como uma aptidão educavel. As experiencias feitas por Mlle. Oppenheim são uma prova dessa affirmativa. Este aperfeiçoamento do testemunho depende de uma fixação dos factos de maneira nitida e precisa, de uma conservação das imagens com sua integridade e da possibilidade de transmissão sem accrescimos ou modificações pessoaes.

A suggestibilidade.

Ha na criança uma tendencia especial para acceitar influencias estranhas. A sua conducta, os seus pontos de vista são uma consequencia dessa capacidade de adherir ás demais pessoas. E' o que se denomina *suggestibilidade* ou disposição para receber a suggestão.

Nas circumstancias normaes o individuo concebe um determinado objectivo e para realizá-lo utiliza processos mentaes de reflexão e de critica que são os verdadeiros controladores da conducta. Na suggestão os mecanismos intermediarios não exercem nenhuma influencia sobre as decisões, as convicções e as acções. Essas são impostas ao espirito do individuo e dominam o seu psychismo sem necessidade dos processos de elaboração — “sua vontade e sua razão ficam suspensas para dar lugar á razão e á vontade de outrem” (A Binet, 25). Duas são as formas de suggestão, segundo Binet: a que resulta de ideas directrizes e a que se manifesta sob a influencia de uma acção moral. A primeira forma é propria dos adultos: a sua conducta torna-se por vezes automatica graças á influencia de preconceitos estabelecidos pela tradição. Neste caso o individuo pensa e age sem motivos pessoaes que determinem o seu pensamento ou a sua acção. Trata-se de uma imposição do meio social que annulla ou reduz toda capacidade critica. A segunda forma é mais frequente na criança. São innumeradas as oppportunidades em que ella se conduz por influencia de alguem que impõe o seu prestigio ou a sua autoridade moral como instrumento de suggestão. A suggestibilidade é tanto mais accentuada quanto mais jovem é a criança. Com a idade ella tende a diminuir sensivelmente.

Segundo Stern, aos 7 annos é duplamente mais forte do que aos 15. A diminuição da suggestibilidade se revela a principio por hesitações, por duvidas. Aos 12 annos é que a criança possui um amadurecimento mental que a habilita a reflectir e a dirigir a sua conducta de conformidade com as proprias decisões (26).

A suggestibilidade infantil é um facto que resulta naturalmente do seu fraco poder de reflexão e de critica; com a maior docilidade ella acceita as opiniões, os juizos ou as convicções alheias. Entre as causas que determinam essa facil receptividade de influencias estranhas devemos collocar em primeiro plano a insufficiencia de suas actividades intellectuaes — ao fraco poder de discernir, de comparar, de julgar e de raciocinar. Dahi serem as crianças das primeiras idades e os debeis mentaes os individuos mais suggestionaveis. Em segundo logar mencionamos a exuberancia inventiva da criança. Com o maior enthusiasmo ella admite como verdade os factos mais inverosimeis. Por isso é que as meninas são mais suggestionaveis do que os meninos e que segundo Guidi, durante a puberdade — phase de grande exaltação mythica — a suggestibilidade se torna mais facil. Ainda é preciso considerar a affectividade como factor da suggestibilidade. As reacções emotivas produzem em regra uma certa inibição da capacidade de julgar e de reflectir — o que determina uma receptividade maior de toda influencia estranha. Facilmente chegamos a compreender porque a criança tem um poder de suggestibilidade tão elevado: é que nella convergem todos os factores que a determinam. Logo que as suas actividades mentaes teem attingido a um certo nivel de desenvolvimento a criança não abdicará mais de sua personalidade e toda imposição estranha tende até certo ponto a passar pelo mecanismo de seu juizo pessoal.

Ruyssen e Binet consideram a suggestibilidade como um instrumento necessario á adaptação ao meio social, na phase em que a criança nada sabe e é incapaz de raciocinar. Mas o uso da suggestibilidade deve ter um limite fixado pelas possibilidades de cada criança conduzir-se por si mesma.

A sugestão do interrogatorio.

Onde a sugestão infantil se revela frequentemente é nos interrogatorios; as respostas dadas pela criança escapam a toda convicção raciocinada e a toda persuasão conscientemente aceita. “A psychologia do testemunho — affirma Claparède — com as pesquisas de Binet e de Stern, nos ensina que as questões segundo a maneira por que são formuladas, exercem uma verdadeira sugestão, impellem o individuo a responder num certo sentido”. “Se por exemplo, num inquerito sobre o medo infantil, pergunta-se: você tem algum medo? — que é que faz medo a você? — estas questões não são suggestivas”. “Mas se se mencionam certas formas de medo, dizendo: quaes são os animaes que fazem medo a você? etc. — temos então questões suggestivas, que devem ser evitadas” (27).

Jean Piaget a proposito de considerações em torno de seu methodo de estudo da criança, refere-se ás variedades de sugestão em que podem incorrer os inqueritos: a *sugestão por palavra* e a *sugestão por perseveração* (28). A *sugestão por palavra* é conhecida mas nem sempre evitada. Palavras ha que parecem á primeira vista neutras no sentido de seu nenhum valor suggestivo e que teem, entretanto, uma influencia consideravel, promovendo “reacções animistas ou anthropomorphicas”. “O unico meio de evitar essas formas de sugestão é conhecer a linguagem infantil e formular as questões nesta mesma linguagem”. Piaget chega á precaução de aconselhar no inicio de cada inquerito novo fazer falar as crianças com o fim de constituir-se um vocabulario que annulle toda sugestão. E’ muito commum responder a criança segundo a ultima palavra da pergunta — o que torna as respostas de uma contradicção que nenhuma reacção provoca na criança: “isto é azul ou verde? — é verde; isto é verde ou azul? — é azul”.

A sugestão por perseveração é a forma menos considerada e tambem a mais difficil de ser evitada. O proseguimento do interrogatorio ou conversação provoca essa forma de sugestão que depressa automatiza as respostas das crianças.

O facto de o examinador persistir no assumpto impelle a criança no sentido da primeira resposta. "Perguntar, por exemplo, a uma criança se um peixe, um passaro, o sol, a lua, as nuvens, o vento, etc. são seres vivos, é impelli-la a dizer *sim* a todas perguntas, por simples sequencia" (29).

A arte de interrogar crianças é uma arte cheia de subtilidade. Requer do interrogador uma acuidade sempre presente para que não sejam provocadas ou forçadas as attitudes mentaes da criança. Piaget menciona um exemplo por demais elucidativo. Se nos propuzermos a saber como a criança interpreta o movimento do sol e dos astros em geral, e lhe fizermos a pergunta: que é que faz marchar o sol? — a criança responderá: é o vento que o empurra. Obtido este resultado, arriscamo-nos a deturpar a concepção que teem as crianças do movimento dos astros. E' possivel que ella conceba o sol um sêr vivo, isto é, capaz de mover-se por si mesmo. A pergunta: que é que faz marchar o sol? — suggere o mytho de que o movimento é uma resultante de força exterior. Igualmente a pergunta: como marcha o sol? suggere o contrario, o *como*, outra forma de mytho que talvez não existisse na criança: o sol marcha soprando, ou com o calor; o sol embola. Para Piaget o meio de evitar essa difficuldade, "é fazer variar as questões, fazer contra-suggestões, renunciar aos questionarios fixos".

REFERENCIAS BIBLIOGRAPHICAS

- 1, 11, 28, 29 — Jean Piaget — Le representation du monde chez l'enfant — 1926. Paris.
La causalité physique chez l'enfant — 1927. Paris.
- 2, 4, 6 — Sylvio Rabello — A Representação do tempo na criança — São Paulo.
- 3 — Ed. Spranger — Psicologia de la edad juvenil. (trad.) 1929. Madrid.
- 5, 8 — Ch. Baudouin — Psychanalyse de l'art. — 1929. Paris.
- 7 — K. Abraham — Apud Ch. Baudouin in op. cit.
- 9, 10, 12, 13 — Th. Ribot — Essai sur l'imagination créatrice. 1921. Paris.
- 14, 15 — K. Bühler — El desarrollo espiritual del niño. (trad.) 1934. Madrid.
- 16, 17 — E. Dupré — Pathologie de l'imagination et de l'emotivité. 1925. Paris.
- 18, 21 — F. Gorphe — La critique du temoignage. 1927. Paris.
- 19 — M. Dobre — La concepcion du mensonge chez les écoliers. Int. des Ed. N.º 17. 1914. Genève.

- 20 — T. Jonckheere — La pedagogie experimentale au jardin d'enfants. 1929. Bruxelles.
- 22, 26 — W. Stern — Apud F. Gorphe in op. cit.
- 23 — R. Heindl — Apud F. Gorphe in op. cit.
- 24 — Borst — Apud F. Gorphe in op. cit.
- 25 — A. Binet — La suggestibilité. 1900. Paris.
La science du témoignage. An. Psych. XI. 1905. Paris.
- 27 — Ed Claparède — Psychologie de l'enfant et pedagogie experimentale. 1926. Genève.

RESUMO

1 — A mentalidade da criança é impregnada de tal modo de adherencias subjectivas que as realidades exteriores soffrem uma deformação constante a serviço das disposições de cada momento; não existem fronteiras bem delimitadas entre o mundo subjectivo e o mundo objectivo.

2 — Traço que caracteriza a mentalidade infantil é o phenomeno de ampliação da realidade; existindo nas representações do mundo objectivo, penetra todo o seu pensamento e domina toda a sua conducta; as concepções, as reacções affectivas e os movimentos estão sujeitos a essa tendencia geral que denominamos a ampliação.

3 — Em face da realidade a criança tem uma attitude identica á do primitivo; o mundo objectivo é povoado de sêres e cousas que tem para ella um certo valor symbolico — são verdadeiras personalizações mythicas originadas da sua incompreensão e do seu espirito phantasista.

4 — Sem attender a uma ordem chronologica perfeita distingue Ribot quatro estadios principaes no processo evolutivo da imaginação creadora: estadio das percepções illusorias, estadio de animismo, estadio de jôgo e estadio de invenção romanesca.

5 — No primeiro estadio não existe uma capacidade propriamente inventiva; sem se desprender dos elementos sensitivos ella consegue construir o que se denominam illusões.

6 — Os estadios de animismo e de jôgo são geralmente simultaneos; consiste esse animismo em attribuir vida e até personalidade a todos os sêres, mesmo os inanimados, á semelhança do primitivo.

7 — O estadio de invenção romanesca requer um certo desenvolvimento dos processos mentaes e por isso só aos tres annos é que ella se manifesta; frequentemente a criança diz mais de invenção propria do que mesmo daquillo que vê.

8 — Para Bühler ha duas idades relacionadas com a tendencia para as historias maravilhosas — a idade das fadas e a idade

do Robinson. A primeira caracteriza-se pela ausencia de capacidade critica, o que permite uma acceitação passiva de todos os imprevistos e absurdos; a segunda caracteriza-se pela capacidade de estabelecer uma motivação logica entre as figuras e as situações.

9 — Gorphe distingue tres formas de mentira infantil: a de defesa, a activa e a suggerida. A criança mente por defesa quando procura encobrir uma falta ou evitar um castigo; a mentira activa é inventada pela criança para satisfazer toda sorte de tendencias (a preguiça, a vaidade, a vingança, a malicia, etc.); a mentira suggerida é architectada por influencia de suggestões estranhas.

10 — Segundo Jonckheere é o abuso de punições e a severidade excessiva que fazem com que as crianças procurem na mentira o meio de evitar o soffrimento ou a dôr; o ponto de partida de sua attitude é uma especie de movimento defensivo.

11 — A faculdade de reproduzir com fidelidade e precisão a realidade anteriormente percebida é precaria na criança; appellar para o testemunho infantil equivale a ter uma informação deformada pela phantasia, lacunosa e cheia de contradicções.

12 — As modalidades de testemunho dependem do coefficiente pessoal, isto é, da constituição particular de cada typo; entre os differentes typos salientamos o concentrado, o descriptivo, o observador, o emocional, o erudito e o inventivo.

13 — Os autores consideram o testemunho como uma aptidão educavel. O aperfeiçoamento do testemunho depende de uma fixação dos factos de uma maneira nitida e precisa, de uma conservação das imagens com sua integridade e da possibilidade de transmissão sem acrescimos ou modificações pessoasas.

14 — Ha na criança uma tendencia especial para aceitar influencias estranhas; a sua conducta, os seus pontos de vista são uma consequencia dessa capacidade de adherir ás demais pessoas: é o que se denomina suggestibilidade ou disposição para receber a suggestão.

15 — Entre as causas que determinam essa facil receptividade de influencias estranhas devemos considerar em primeiro plano a insufficiencia de suas actividades intellectuaes — ao fraco poder de discernir, de comparar, de julgar e de raciocinar.

VOCABULARIO

Actividade mythica — Elaboração mental em que predomina a invenção.

Ampliação — Tendencia predominante na infancia, que consiste numa representação e

numa concepção exaggerada da realidade.

Auto-suggestão — Forma de suggestão em que o individuo é ao mesmo tempo suggestor e suggestionado.

Capacidade crítica — Poder de discernir entre varias alternativas ou situações a mais plausivel ou exacta.

Condensação — Termo da psychanalyse que significa processo de fusão de duas ou mais idéas no mesmo symbolo.

Contra-sugestão — Influencia que age no sentido de ser evitada uma suggestão possivel.

Deslocamento — Processo de transferencia da tonalidade affectiva de um facto a outro.

Disfarce — Processo de dissimulação de idéas ou tendencias reprimidas.

Elaboração secundaria — Especie de canalização de idéas ou tendencias no sentido de seu ajustamento ás exigencias mo-
raes e sociaes.

Ilusão — Forma de percepção em que predominam elementos fornecidos pela imaginação.

Invenção romanesca — Estadio da imaginação que se caracteriza pela fabulação irreal.

Julgamento — Operação intellectual de ordem superior que consiste em aproximar duas idéas que teem uma relação de conveniencia.

Mythomania — Tendencia para alterar a realidade por meio de mythos ou invenções fabulosas.

Pensamento symbolico — Elaboração intellectual em que preponderam os symbolos; forma de pensamento commum na criança, no primitivo e no louco.

Raciocinio — Serie de juizos que se encadeiam logicamente.

Realismo logico — Estadio de desenvolvimento da mentalidade do primitivo e da criança, que se caracteriza pela elaboração de uma realidade impregnada de adherencias pessoasas.

Representação — Expressão que envolve as percepções e as imagens, isto é, factos de character cognitivo.

Suggestão — Phenomeno em virtude do qual um individuo pensa e age por influencia de outrem e sem consciencia desta mesma influencia. Annullam-se ou reduzem-se as possibilidades de reflexão e de critica no individuo sob suggestão. O contagio mental é uma forma de suggestão, mas distingue-se desta por não exigir imposição ou dominio de um individuo sobre outro.

Suggestibilidade — Qualidade do individuo suggestionavel.

Testemunho — Reprodução de facto ou acontecimento pessoalmente percebido.